

“I’M NOBODY! WHO ARE YOU?”

*I'm Nobody! Who are you?
Are you – Nobody – too?
Then there's a pair of us!
Don't tell! they'd advertise – you know!*

(Emily Dickinson, 1861)

Dentro da informalidade que nos junta aqui, cabem formas imensas de olhar e sentir. Tantas quantas o nosso percurso, pensado ou improvisado, nos proporcionar.

Não seremos os mesmos que aqui entraram, quando deixarmos este espaço.

O que acontece com as células que nos constituem, por via do que a microbiologia celular, a citologia e a tecnologia nos revelam, faz de nós seres em constante mutação. Nem chegamos a aperceber-nos disso; todavia é essa dinâmica que nos mantém vivos. Assim é dentro de nós, a cada momento que passa. Quem diria?

Quem diria que as infinitas metamorfoses que a nossa imaginação concebe e apresenta provêm de uma realidade de carácter salvífico? Quem é que pensa nisto?

Talvez o tenha pensado Sebastião da Gama: “*Chegamos? Não chegamos? – Partimos. Vamos. Somos.*” E se o não fizermos, o que é que acontecerá?

Prefiro acreditar em Keats: “*Beauty is truth, truth beauty, - that is all ye know on earth, and all ye need to know.*”

O que queria, agora, fazer, antes de prosseguir, é algo pensado e enraizado em mim – queria agradecer à Filomena, como Sophia agradeceu às flores, ter guardado em si “aquela promessa antiga duma manhã futura”.

Na verdade, a promessa tem sido cumprida, diante de nós, porque o presente da Filomena, carregado de passado – porque nele assenta o presente – é sempre futuro. É e continuará a ser. Isto acontece a quem percebe muito de entrega e generosidade, sendo que aqui se assumem como partilha.

O que cada um destes quadros me sugere posso tentar revelá-lo. Mas tenho a certeza de que o que vejo e sinto hoje não será o que terei em mim amanhã, tal é a força das inconscientes metamorfoses em nós entranhadas, mesmo para além de tudo o que Ovídio predisse.

MATER



Na origem do Universo está algo que, dizem os entendidos, foi Big e fez Bang. Na origem da Vida está uma qualquer transformação que jamais apreenderemos, porque nos ultrapassa.

Houve um princípio, sim, mas o que é que o despoletou? Algo terá que ter sido. Algo para além de tudo.

Aquilo que aos nossos olhos tem a forma de uma interrogação, aqui tem nome, consistência e sentido: Mater. Para a Filomena é uma árvore em constante reinvenção, para já a preto e branco. A cor virá mais tarde, porque é isso que o mundo pede. Pede e dá...

JAPONEIRA



É o que claramente se percebe ser a resposta da qual a pequena japoneira, ali, carregada de camélias cor de vida, faz parte. Sendo árvore que floresce na estação fria, enche de beleza os jardins da cidade, agora mais despídos.

A cidade é o espaço onde coexiste o que é perene e o que não pode deixar de ser caduco. Exactamente como as folhas das árvores.

Por isso é tão importante fixar o momento da plenitude, para que nunca seja esquecido e permaneça como sinal de Esperança.

IN-VERSUS



CANÇÃO

Tinha um cravo no meu balcão:

*veio um rapaz e pediu-mo
– mãe, dou-lho ou não?*

*Sentada, bordava um lenço de mão:
veio um rapaz e pediu-mo
– mãe, dou-lho ou não?*

*Dei um cravo e dei um lenço,
só não dei o coração:
mas se o rapaz mo pedir
– mãe, dou-lho ou não?*

Eugénio de Andrade

O poeta hesita em dar o coração, mas a Filomena não, porque o encontramos aqui bordado num lenço de mão. Melhor dizendo, em 20 lenços que bordou como quem pinta.

É tudo a mesma coisa: escrever, bordar, pintar... Tudo é metamorfose.

A tocante beleza deste avatar que se alimenta de poesia é um exemplo fascinante. Tem muito de onírico. E de eterno.

COBIÇA



Se é ou não alimento cobiçado, não vou entrar aqui em divagações, com certeza abusivas da minha parte, até porque, apesar do sentido pejorativo que normalmente se atribui ao termo, a cobiça pode não passar de um simples anseio.

Embora as boas intenções à sua volta possam dar-lhe que pensar, esta menina-mulher não deixa de ter em si esse desejo tão humano, por isso, também, tão idealmente poético. Falo do desejo de ter em si a Felicidade.

Ansiar a Saúde, o Amor e a Paz, os dons maiores, é ansiar ser feliz. A Felicidade é um estado de alma que não é palpável, que não tem forma. Sendo certo que os três dons são visíveis, mesmo à distância, é profundamente intrigante esta relação com a Felicidade. Mas algo é capaz de conter em si pelo menos parte dessa revelação: a metamorfose.

Quanto mais genuíno for esse tal estado de alma, mais efectivamente pode ser partilhado. Não há Felicidade sem partilha.

ESTAR SÓ É ESTAR NO ÍNTIMO DO MUNDO



ESTAR SÓ É ESTAR NO ÍNTIMO DO MUNDO

*Por vezes cada objecto se ilumina
do que no passar é pausa íntima
entre sons minuciosos que inclinam
a atenção para uma cavidade mínima
E estar assim tão breve e tão profundo
como no silêncio de uma planta
é estar no fundo do tempo ou no seu ápice
ou na alvura de um sono que nos dá
a cintilante substância do sítio
O mundo inteiro assim cabe num limbo
e é como um eco límpido e uma folha de sombra
que no vagar ondeia entre minúsculas luzes
E é astro imediato de um lúcido sono
fluvial e um núbil eclipse
em que estar só é estar no íntimo do mundo*

António Ramos Rosa

Mas, para que essa partilha seja despojada de artifícios escusados, há que primeiro estar só; estar só no íntimo do mundo.

Entre alegrias e tristezas infinitas, alcançar o silêncio que existe, no fundo do tempo ou no seu ápice, é a condição das condições. A Filomena escolheu Ramos Rosa. Não foi por acaso que, depois, se deixou ficar sob esse silêncio, indagando...

Tanto o nascer como o pôr do sol são sinfonias que vemos sem ouvir, do mesmo modo que ouvimos sem ver. Mas só depois de aprendermos o que é o silêncio.

FLORBELA



AMAR!

Eu quero amar, amar perdidamente!

Amar só por amar: Aqui... além...

Mais Este e Aquele, o Outro e toda a gente...

Amar! Amar! E não amar ninguém!

Recordar? Esquecer? Indiferente!...

Prender ou desprender? É mal? É bem?

Quem disser que se pode amar alguém

Durante a vida inteira é porque mente!

Há uma Primavera em cada vida:

É preciso cantá-la assim florida,

Pois se Deus nos deu voz, foi pra cantar!

E se um dia hei-de ser pó, cinza e nada

Que seja a minha noite uma alvorada,

Que me saiba perder... pra me encontrar...

Florbela Espanca

Tenho para mim que ninguém se perde, se amar de verdade. Não pode é amar sem se amar primeiro.

É em si próprio que cada um tem de construir o equilíbrio que permite a plenitude do amor. As palavras não bastam, por mais arrebatadoras que possam ser.

Creio que Florbela não esteve atenta ao que a Filomena lhe quis dizer. Escutou pouco. Mas isso foi noutro tempo. Hoje, escutamos nós.

HETERONÍMIA



Os modos de ser e de estar, tanto no nosso íntimo, como na eterna ambivalência instalada entre nós, são incomensuráveis.

É facto que cada um pode ser identificado pelo nome com que foi registado, mas quem é que nos garante que, se quiser, não muda de nome conforme a sua percepção do mundo? Todos nos vamos fragmentando mais, ou menos, a diferentes horas do nosso viver, simplesmente porque desigual é o oposto de diferente.

Todos os eus cabem dentro de nós, contidos ou esfuziantes. Um simples braço, fino e comprido a terminar numa mão de dedos esguios poderá ser determinante para o desfecho de um enredo. Só porque alguém o estica na formulação de um abraço, toda a trama pode mudar.

Há sempre quem, por saber muito da Vida, muito, mesmo, estende a mão...

GOSSIP



Se assim não fosse, a vulnerabilidade dessa fragmentação seria insustentável. O “gossip”, como a Filomena lhe chama, encarregar-se-ia de dispersar, inexoravelmente, a harmonia heteronímica.

Todos sabemos que o bom nome uma vez vilipendiado, dificilmente se desfaz da agressão. A não ser que na aldeia em que todos vivemos, embora pensemos que não, alguém se insurja e se manifeste.

Qual destas sete criaturas o fará? Talvez a que parece mais nova e frágil se aventure. As aparências iludem. Oxalá não desista...

I WANNA KNOW YOUR NAME



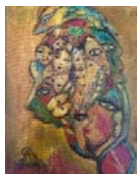
Para já, resolveu afastar-se do grupo. A Filomena diz-lhe “I wanna know your name”, mas há que esperar. Muita coisa está em jogo e é preciso delinear estratégias de sobrevivência.

O que ouviu não foi esquecido – ocupa uma parte do seu cérebro e vem de tempos imemoriais. A outra parte permanece atenta, estudando o melhor processo de tomar posse de uma herança cuja origem desconhece.

Lentamente, as formigas que lhe sobem pela fronte acima hão-de transformar-se em borboletas, e o pássaro que tem na alma cantará como cantava na sua infância.

O grupo Swedish House Mafia, composto por 3 DJs suecos existe desde 2008. One (Your Name) faz parte do primeiro single que é lançado em 2010. Daqui surge o título que a Filomena escolheu para este quadro.

CROWD



Uma multidão é como um catalisador, tanto do bem, como do mal.

A única figura que nos encara de frente, sem reservas, é a de uma menina, uma criança, na verdade, que um dia vai saber agarrar, como poucos, as cores do mundo.

Então, todos nós perceberemos melhor que o facto de uma parte dos homens virar as costas à outra parte não significa que esta o queira fazer também.

As palavras e os números são igualmente importantes. Fundem-se e podem coexistir em harmonia. Mesmo em desentendimento, é impossível que se anulem entre si.

O pássaro-guardião, lá em cima, tem pensado muito nisto. Neste momento está a estudar o terreno. Um dia destes voará nalgum sentido. Qual? Só a Filomena o saberá.

MULHER VITRAL



O tempo das Catedrais não tem forçosamente que ser limitado por balizas cronológicas. Associamo-lo sobretudo ao Gótico e aos homens que quiseram ficar mais perto do Céu, em glória ao Altíssimo.

Porém, continuamos a erigir catedrais, nem que apenas o façamos dentro de nós. Nestas catedrais, multiplicam-se os vitrais de matriz religiosa, resultantes da arte e da mestria de quem é capaz de transformar simples pedaços de vidro colorido em representações arrebatadoras.

Num vitral é possível vislumbrar detalhes fascinantes: minúsculos pedaços de vidro, entre outros de enormíssimas dimensões, aparecem, aqui e ali, como se, afinal, fossem o reflexo dos pequenos sinais do nosso quotidiano que tendemos a ignorar. Porquê? Talvez porque vivemos depressa demais...

Já que Maio é o mês de Maria, eu aqui vejo-a plena de luz e serenidade, como quem aceita a Vida e a transforma num Hino. Mas se, afinal, vier a saber que se trata de um auto-retrato da Filomena, é isso que verei nele.

SEVEN FACES



Ocorre-me associar os sete rostos que aqui estão aos sete dons do Espírito Santo.

Identificar estes rostos não é coisa que se consiga fazer de imediato, dada a deliberada sobreposição entre eles.

Já há muito percebi que a Filomena gosta do número 7. Não sei é porquê. Sei é que na Bíblia lhe é conferido um significado especial. Os sete dias da Criação (o sétimo foi já de descanso – de bem merecido descanso, digo eu...) são um bom exemplo.

Mateus relata, no seu Evangelho, o que Jesus disse a Pedro, quando este lhe perguntou quantas vezes deveria perdoar a quem lhe tivesse feito mal. Até sete vezes?

“Respondeu-lhe Jesus: Não te digo que até sete vezes, mas que até setenta vezes sete vezes” (Mt. 18: 22)

Valendo-nos dos sete dons do Espírito Santo, torna-se isto menos difícil. São eles a Inteligência, a Sabedoria, a que também se pode chamar Discernimento, o Conhecimento, que é Ciência, a Sensatez, que significa Serenidade, o Respeito, a Compaixão e a Força.

Passar da reflexão à acção necessita da convivência destes dons. Só é preciso estar atento e perceber que o sentido da Criação é um só.

O BEIJO



Um beijo nunca é apenas um beijo. É mais um sinal de aproximação, que depois se pode transformar no que o destino tiver definido, com a convivência do nosso querer, sendo que o contrário pode, se calhar, ser também possível.

Aquele duende garrido, ali em baixo, ri-se de quem? Do destino, com certeza. Acabou de lhe pregar uma partida: o beijo traiu o beijo.

De repente, tudo começa a esfumar-se, e o destino, afinal, já não se define assim tão nítido como eventualmente seria. Todo o sentimento se metamorfoseou...

SEVEN NATION ARMY



Ora aqui temos a Paz à espreita do melhor momento para escapar do conflito e se organizar para acabar com ele.

De olhos bem abertos, lá em cima, do lado direito, estende a mão e diz “Basta!” Vai emergir da confusão de cabeça levantada, pelo lado oposto, tendo atravessado a tormenta.

“Every single one’s got a story to tell”. A vontade indómita da Filomena, que se impõe a qualquer guerra, tem o valor da Verdade. É a Verdade que, por si só, acaba por restabelecer o sentido da Vida.

The White Stripes existiram como banda-duo, em Michigan, entre 1997 e 2011, mas eis que sobem hoje, de novo, ao palco para tocarem “Seven Nation Army”, que compuseram em 2003.

CUP OF FLOWERS



Ser-lhes-ão entregues as flores da praxe, quando chegar o momento.

Para já, o ramo descansa numa chávena, porque é um lugar como outro qualquer. O fundamental é que se conservem viçosas por mais algum tempo. E que, entretanto, não desapareçam.

Hoje em dia há uma infindável quantidade de infusões feitas de flores. Não percebo nada do assunto, mas as ervanárias já chegam, nalguns casos, a confundir-se com as lojas de flores. E não se trata apenas de um simples processo de metamorfose. Acreditem!

Seja como for, nunca se diz que não a um chá ou a uma tisana.

ROSTO / OTSOR



Seria bom que aquela rapariga ali deixasse de mirar fixamente a asa da chávena. Mas que coisa!

É certo que ninguém lhe foi buscar papoilas para o ramo. Ela estava a contar com isso. Tinha o prado cheio delas e ligara sete vezes à florista a dizer-lhe que a partir das sete da manhã do dia seguinte poderia aparecer. Foi o mesmo que nada...

Apesar disso, ela continua de indicador levantado, como quem diz “Estou aqui! Por favor não se esqueçam daqueles que morreram por nós, pela liberdade e pela paz”.

É o que as papoilas significam. Remember...

METAMORFOSE I e METAMORFOSE II



Há sempre um depois que se aloja na memória.

Neste depois, temos Gregor, um conhecido nosso com mais de um século de histórias. É impossível ignorá-lo.

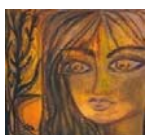
O Gregor que põe em causa o sistema em que vive e provoca a ruptura com a ordem estabelecida é o Gregor insecto, que será mais verdadeiro do que o ser humano útil, cumpridor, fiável, previsível e bem apessoado que, *malgré lui*, entretanto, desaparece.

Não sei que chances teria de sobreviver, se vivesse naquele sinistro castelo perto de casa dele, onde K., um seu antigo colega de escola, nunca conseguiu chegar a entrar, ou se teria aguentado passar por um processo tão absurdo como aquele em que se viu envolvido o seu amigo Josef.

Quem ia saber, com certeza, era Kafka, mas o que confidenciou à Filomena escapa-nos.

Todavia, Gregor, K. e Josef, vivendo numa claustrofobia distópica, ultrapassam-na, na medida em que o seu grito comum chegou até nós. Gregor é o porta-voz. E não digo isto só para rimar. Garanto-lhes que estou a ouvi-lo.

À ESPERA



Aquela rapariga ali, que é nem mais, nem menos do que a irmã mais velha de Gregor, que muito cedo saiu de casa, e que a Filomena descobriu, aqui há tempos, num lugar onde se desconfinava o ensimesmamento com mais à vontade – estou a falar de uma certa esplanada à beira rio, é bem capaz de ter mais informações sobre o irmão. Ou então não...

O seu olhar revela uma atitude benevolente, expectante na sua placidez. Chama-se F. e acredita que Gregor não teve de morrer. Praticamente não o conhece, porque tem andado pelo mundo, a aprender o que pode sobre paciência e tolerância.

Sabe que nunca aprenderá o suficiente, mas uma coisa já ela percebeu: nenhuma vida pode ser controlada; ninguém tem esse poder, precisamente porque não é dono dela e todas as metamorfoses são possíveis, por mais impossível que pareça.

F. está prestes a voltar ao cais onde atracou. Baniu do seu vocabulário a palavra inevitabilidade. Confia na Vida!

ALQUIMIA



Graças a um processo alquímico, F. não envelhecerá, porque é capaz de para o Tempo.

O Tempo, que é dom sem medida, todavia mensurável, não se define. Obedecendo como que a uma lei invisível, embora palpável, as questões que nunca foram respondidas continuarão sem resposta.

É vital que não encontremos respostas, porque a Criação e o Tempo comungam do mesmo Mistério. Quando se atravessa o Reino da Sabedoria, partindo das Montanhas da Ignorância em direcção ao Mar do Conhecimento, é natural que se passe por terras que nem sequer existem no mapa.

Se nelas habitarem bruxas boas e fadas más, se calhar alguém por ali percebe de metamorfoses. Se não percebe, então não é senão um verdadeiro espírito de contradição. Há que procurar um alquimista. Um daqueles seres que conseguem conferir à Vida todas as cores do Universo e arredores, entre “Considerações Incertas”.

“Uma palavra final: para a alquimia, a Arte suprema na procura do Ouro essencial, da Pedra Filosofal, precursora da química, da farmacologia e da medicina, limiar do

conhecimento lógico-formal da ciência, os signos, letras ou números, são ideogramas e [...] são também “caracteres” da “mathesis” universal”.

Acabei, naturalmente, de citar a Filomena. (“Considerações Incertas”. Porto: Campo das Letras, 2008, p. 93/94)

Isabel Pereira Leite

Porto, Junho de 2021